

ARTES VISUAIS

Equilíbrio na ausência

Daisy Xavier expõe em SP redes que embaralham o desejo atual de catalogar tudo

'Para medir um mar'

Daisy Xavier

Luísa Duarte

ARTES CRÍTICA “Para medir um mar”, exposição de Daisy Xavier em cartaz na Galeria Eduardo Fernandes, em São Paulo, é um momento maduro na obra da artista. Para quem viu a sua “Mesuras” nas Cavalariças do Parque Lage, em 2005, a exposição atual surge como uma bela surpresa, pois representa um passo além dentro de uma investigação poética que tem em um elemento, a rede, o seu cerne. Se na exposição no Rio de Janeiro a rede surgia monumental, fazendo jus à escala das Cavalariças, aqui o pequeno espaço da galeria, ao invés de acanhar a obra, a potencializa.

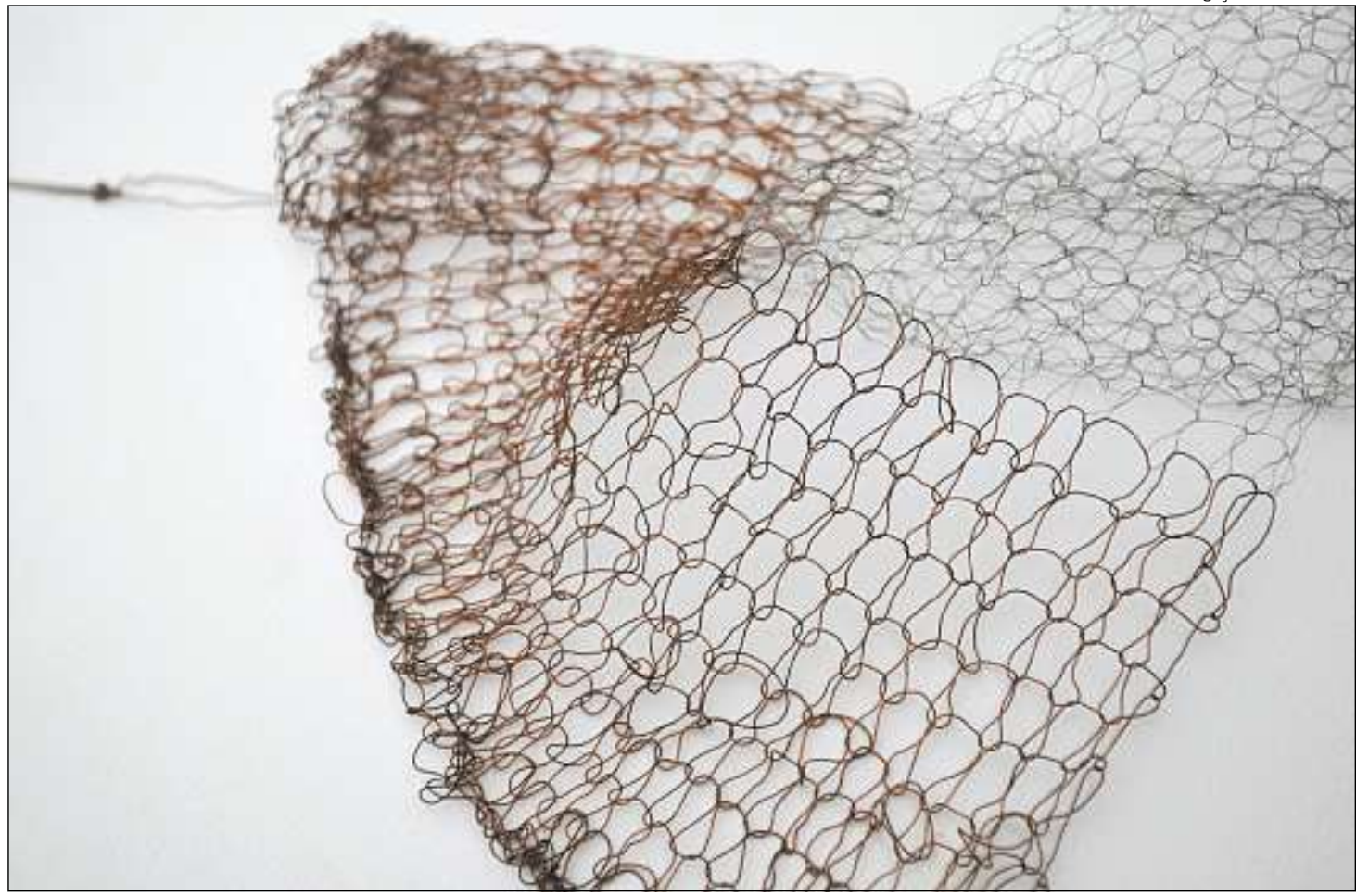
A exposição se divide em três núcleos, uma instalação, uma série de desenhos e a projeção de um vídeo. A instalação se constitui em um desenho escultórico. Uma rede prateada, ora translúcida, ora opaca, é desenhada no espaço, pequenas agulhas seguram partes da trama na parede, nunca no teto, de forma a tensionar algumas partes. Quando entramos na sala, menos do que ver, somos chamados a entrar na trama. Com pequenos passos saímos e entramos de espaços vazios que o desenho-escultura constrói. Ou seja, trata-se de experimentar o trabalho fisicamente. Essa experiência leva a uma consciência aguda de muitos significados empregados na obra da artista. Nunca antes esses significados, a meu ver, haviam encontrado uma transfiguração tão precisa quanto nessa montagem.

Mas, afinal, quais significados são esses? A rede surge no trabalho de Daisy Xavier como aquilo que impossibilita delimitar o que está dentro e fora, desfaz os duplos e introduz um terceiro, diz não para as definições claras, em favor de uma outra coisa, criando zonas permeáveis. As redes da artista traem a vontade, tão atual, de tudo catalogar, fichar, delimitar. Esse partido pelo indiscernível, por formas ambíguas, por algo que escapa ao enquadramento, parece ser fruto da recusa em forjar uma possível e enganosa estabilidade. Estabilidade incompatível com um inconsciente que, como a rede, é fluido, não admitindo sinalizações precisas, tampouco definições estanques. A rede, assim como a água, borra as fronteiras, deflagra o trânsito.

A água, outro elemento constante na obra da artista, está presente na história dos desenhos expostos. Os desenhos são os resultados do ato de medir com pedaços de fios pequenos extensões do mar. Esses fios, de cobre e prata, que mensuram o mar — gesto utópico — são entrelaçados, como que para reter a água sempre arredia a qualquer contenção; desse entrelaçamento surgem os desenhos/redes.

Navegação constante

“Mar sem orla” (2010) é um vídeo em loop que não só laça mais um nó que se aferra à grande trama da mostra, mas se constitui, autonomamente, em um trabalho de alta carga poética. Em uma projeção pequena, vê-se um pedaço de papel no qual versos escritos pela artista pegam fogo. Ao mesmo tempo em que é destruída a pe-



DESENHO DE Daisy Xavier na exposição “Para medir um mar”: fios de cobre e prata aparecem entrelaçados como se quisessem reter a água

le que abriga as palavras, desvela-se um pedaço de mar, ora opaco, ora prateado, como uma espécie de espelho do céu. Esse movimento contínuo entre aparição e desaparecimento evoca a fita de Moebius, em que início e fim, exterior e interior, se confundem. A orla seria a margem, a delimitação, o fechamento. No mar da artista não há lugar para isso. A navegação é constante, sem paradas, sem bordas, sem orlas. Busca que não cessa, mas, nem por isso, alcança seu ponto de chegada.

“Para medir um mar”, síntese preciosa da obra da artista,

nos lança para uma experiência reconhecível, mas de difícil nomeação. Diante dela as palavras não sabem onde pousar, só restando equilibrarem-se numa espécie de ausência. Gesto mais próximo da vida do que muitos discursos pretensamente repletos de sentido. Toda a obra de Daisy Xavier gira nessa voltagem, do que escapa, escorre, evocando a experiência de embate com aquilo que falta, transita, não encontra a orla que estancaria o movimento... Desejo movente... À procura de um fim, sem fim. ■

Divulgação/Adriana Jobim

Divulgação/Fernanda Rappa



INSTALAÇÃO COM rede prateada presa por agulhas na parede

PINCELADAS

Prêmio Pipa tem segunda edição

• Será lançada hoje a segunda edição do Prêmio Pipa (www.pipa.org.br), que dará em outubro R\$ 100 mil a um artista brasileiro, incluindo uma residência no exterior. A vencedora do ano passado, Renata Lucas, estará no júri de 30 nomes, com a crítica do GLOBO Luísa Duarte e galeristas como Susan May, da White Cube, de Londres. Os quatro finalistas do prêmio — realizado pela empresa Investidor Profissional, pelo MAM-Rio e pelo Instituto IP — serão divulgados em junho e participarão de uma mostra no MAM. O mais votado pelo público ganhará R\$ 20 mil. Em agosto, será lançada a versão on-line do prêmio, que dará R\$ 10 mil em votação pelo Facebook.

Mais galerias em SP

• São Paulo ganha duas galerias esta semana. Hoje, a Laura Marsiaj, do Rio, e a Mariana Moura, de São Paulo, inauguram a Moura Marsiaj ([11] 3031-1061) com uma exposição de Carlos Mélo. Amanhã, Raquel Arnaud abre seu novo espaço, com individual de Waltercio Caldas.

Novo site da Documenta

• Está no ar o novo site da Documenta de Kassel (www.documenta.de), realizada a cada cinco anos na cidade alemã. Além do material de arquivo, a página reúne informações sobre a exposição de 2012, como a lista dos artistas já convidados e até os preços dos ingressos.

Dica de artista • Luiz Zerbini



Indico a Paula Rego, artista plástica portuguesa que tem seu trabalho exposto na Pinacoteca do Estado, em São Paulo, neste momento. Suas pinturas figurativas e desenhos em pastel são sensacionais, muito bonitos. Sua obra me parece uma mistura de Degas, Velázquez, Francis Bacon e Goya, por um olhar português, que, de certa forma, tem a ver com a gente

OBRA EM PROGRESSO • Cildo Meireles

Divulgação/Edouard Fraipont

• Quando recebeu o convite para participar do projeto de ocupações do Itaú Cultural, em São Paulo — ainda sem data prevista —, Cildo Meireles folheou seu caderninho e bateu o olho em anotações que fez em 1976. Estava lá a ideia de um trabalho que ele tentara fazer em 1980: um objeto que emitisse sons de água. Na época, o projeto não vingou por falta de material. Agora, o artista resolveu executar o que havia imaginado. Intitulada “Rio oir”, um palíndromo com menção ao verbo “ouvir” em espanhol, a obra consiste em um vinil de laços A e B com sons de rios brasileiros gravados.

Segundo Cildo, não havia, no mercado de arquivos sonoros, material capaz de suprir o que ele imaginava. Por isso, ele viajou com uma equipe por quatro regiões do



GRAVAÇÃO de áudio em Foz do Iguaçu: obra em vinil vai virar CD

país para coletar os sons e, em seguida, gravá-los. O artista foi até Aguas Emendadas, em Brasília, local onde as bacias brasileiras se encontram; as cataratas de Foz do Iguaçu; além de captar o barulho das águas da pororoca, fenômeno que acontece na região do Amazonas; e do

Rio São Francisco. — Os rios estão morrendo. Essa é a grande conclusão que tirei. Hoje você vê a enorme poluição neles — observa Cildo.

A ideia é que a obra se transforme em CD e esteja disponível para o público comprar e levar para casa.

AGENDA

Hoje
• Laurie Anderson abre a exposição “I in U — Eu em tu”, com uma performance no CCBB (3808-2020), às 19h, que é repetida na abertura para o público, na terça, dia 29, às 18h30m, seguida de palestra. A exposição reúne 31 obras, entre instalações, fotos, desenhos, vídeos e músicas, além de 19 filmes.
• A Caixa Cultural (2544-4080) abre duas mostras com curadoria de Denise Mattar: “Poética pop”, com 38 obras de Raymundo Colares (*leia mais na página 5*), e “A forma

forjada”, com 26 trabalhos em ferro de Rogério Miranda Rezende.

Amanhã

• O crítico de arte Felipe Scovino fala sobre a ironia na arte contemporânea brasileira na Fundação Eva Klabin (3202-8554), às 17h.
• O MAM (2240-4944) abriga de terça a quinta o seminário “Terceira metade”, sobre a representação e a circulação da economia da cultura entre Brasil, África e Europa. A sessão de abertura, às 14h, conta com o economista Célestin Monga, o an-

tropólogo Omar Ribeiro Thomaz e o historiador Alberto da Costa e Silva.
• O Centro Cultural Justiça Federal (3261-2550) abre às 19h a mostra “Thomas Henriot no Brasil” com obras em nanquim retratando o Rio.
• O Espaço BNDES (2172-7447) inaugura às 18h30m a exposição “Rio nova arte”, organizada pela revista Dasartes, com obras de artistas representados por seis jovens galerias cariocas.

Quarta, dia 30

• Jorge dos Anjos abre às 18h a

mostra “Pedra, ferro e fogo”, na galeria Coleção de Arte, com peças em pedra-sabão, madeira e metal, e expõe uma escultura de ferro, de 2,5m x 5m, no Parque do Flamengo. Na inauguração, Márcio Sampaio lança um livro sobre os 35 anos de carreira do artista mineiro.
• A galeria Anna Maria Niemeyer (2540-8155) abre a exposição “Crônicas urbanas”, às 19h, com obras de alunos da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), e curadoria de Isaura Pena e Marco Tulio Resende.

Quinta, dia 31

• A galeria Artur Fidalgo (2549-6278) inaugura às 19h individuais de Marta Jourdan, com uma peça cinética, e Derlon, com xilogravuras, pinturas sobre madeira e objetos.
• A Associação de Amigos da Escola de Artes Visuais (3157-1810) realiza às 19h um leilão de obras doadas por artistas e professores da EAV. Thereza Miranda lança o projeto Artista Visitante, com uma gravura inédita editada na escola.
• No último dia de “Conver_sações”, o Baukurs Cultural (2530-

4847) organiza às 19h um debate com os artistas da coletiva, como Cadu e Bete Esteves, os críticos Marcelo Campos e Fernanda Pequenno e o professor Frederico Carvalho.

Sábado, dia 2

• Tatiana Grinberg abre no MAM (2240-4944), às 16h, a individual “Placebo”, nome de uma instalação multissensorial para o público interagir. A mostra expõe ainda “Musa” e “Espaço em branco entre 4 paredes”, que também lidam com o uso dos sentidos.